

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS ITAQUI
CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

MARLICE DA ROSA CARNEIRO

EDUCAÇÃO E CULTURA NO PENSAMENTO DE MARIO VIEIRA DE MELLO

ITAQUI

2023

MARLICE DA ROSA CARNEIRO

EDUCAÇÃO E CULTURA NO PENSAMENTO DE MARIO VIEIRA DE MELLO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Alberto Ranquetat Júnior

ITAQUI

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C289e Carneiro, Marlice da Rosa
Educação e cultura no pensamento de Mario Vieira de Mello /
Marlice da Rosa Carneiro.
32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA,
2023.

"Orientação: Cesar Alberto Ranquetat".

1. educação. 2. cultura. 3. Mario Vieira de Mello. 4.
estetismo. 5. liberdade. I. Título.

MARLICE DA ROSA CARNEIRO

EDUCAÇÃO E CULTURA NO PENSAMENTO DE MARIO VIEIRA DE MELLO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04/07/2023

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cesar Alberto Ranquetat Júnior
Orientador
UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Joice Trindade Silveira
UNIPAMPA

Prof. Jaime Soares Seivald
CESP

“[...] como qualquer campo fértil não pode ser produtivo sem cultivo, igualmente o espírito, sem uma doutrina; desse modo, uma coisa sem a outra é fraca. Mas o cultivo do espírito é a filosofia, que arranca os vícios pela raiz e prepara os espíritos para receber as sementes, nelas confia e, por assim dizer, as embrulha, para que, vigorosas, produzam frutos muito abundantes”.

Cícero

RESUMO

O presente trabalho se propõe a refletir acerca das considerações sociológicas e perspectivas pedagógicas do filósofo brasileiro Mario Vieira de Mello. O referido autor dedicou grande parte de sua vida aos estudos e ao resgate dos princípios humanísticos que nortearam a cultura clássica. Em suas obras, Vieira de Mello destaca a importância da sociedade moderna compreender o verdadeiro fim e essência das concepções de Cultura e Educação baseados no pensamento clássico humanístico. O filósofo apresenta uma análise crítica da sociedade brasileira, a qual teria sido forjada com base em uma mentalidade estetizante, vindo a se tornar um povo que interpreta a vida através de uma perspectiva puramente estética. Mario Vieira de Mello ressalta o confronto entre o princípio ético e o princípio estético que caracteriza a modernidade, o qual somente uma “educação da cultura” seria o caminho mais seguro para orientar o pensamento da sociedade brasileira.

Palavras-chave: educação; cultura; estetismo; liberdade; Mario Vieira de Mello.

RESUMEN

El presente trabajo se propone reflexionar sobre las consideraciones sociológicas y las perspectivas pedagógicas del filósofo brasileño Mario Vieira de Mello. Ese autor dedicó gran parte de su vida a los estudios y al rescate de los principios humanísticos que guiaron la cultura clásica. En sus obras, Vieira de Mello destaca la importancia de que la sociedad moderna comprenda el verdadero propósito y la esencia de los conceptos de Cultura y Educación basados en el pensamiento humanista clásico. El filósofo presenta un análisis crítico de la sociedad brasileña, que se habría forjado a partir de una mentalidad estética, convirtiéndose en un pueblo que interpreta la vida a través de una perspectiva puramente estética. Mario Vieira de Mello destaca la confrontación entre el principio ético y el principio estético que caracteriza a la modernidad, que sólo una “educación de la cultura” sería el camino más seguro para orientar el pensamiento de la sociedad brasileña.

Palabras clave: educación; cultura; esteticismo; libertad; Mario Vieira de Mello.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	METODOLOGIA	12
3	BIOGRAFIA DE MARIO VIEIRA DE MELLO.....	13
4	LIBERDADE EXTERIOR E LIBERDADE INTERIOR.....	15
5	A CULTURA ESTETIZANTE.....	18
6	EDUCAÇÃO.....	23
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dedica à recuperação e ao estudo da noção de educação humanística, presente nas considerações sociológicas e pedagógicas do cientista político e filósofo Mario Vieira de Mello. Dotado de um senso crítico aguçado e de uma sagaz visão de mundo, Vieira de Mello foi um notável estudioso e diplomata brasileiro, que deixou um importante e valioso legado ao campo das pesquisas culturais, educacionais e das humanidades. Através de seu pensamento e de seus escritos, realizou corajosas contribuições; com grandiosidade se empenhou em refletir sobre os problemas morais que assolam a sociedade brasileira.

Embora Vieira de Mello tenha sido um grande pensador e possuidor de uma filosofia bastante rica, não teve o devido reconhecimento no meio acadêmico, visto que, hoje pouco se conhece de seu brilhante trabalho. Sendo assim, observamos uma escassez de materiais que tenham feito um exame detalhado das ideias do referido autor ou que sigam a sua linha de pesquisa. Há uma grande carência nos referenciais teóricos que reflitam acerca do valor e do significado de um projeto pedagógico fundado na tradição clássica humanística. Desta forma, temos por objetivo principal refletir, em conformidade com o pensamento de Mario Vieira de Mello, sobre o que é a Cultura e a Educação e qual a finalidade destas numa concepção clássica e humanística.

A obra de Mario Vieira de Mello se desenvolve em torno de três tópicos basilares: a decadência espiritual da civilização ocidental moderna, a defesa do pensamento clássico e humanístico e a análise crítica da sociedade brasileira. Margutti (2015), destaca que a proposta de Mello não é uma análise filosófica da questão política, o objetivo é proporcionar uma política com base na perspectiva socrático-platônica, ou seja, uma *política filosófica*; o eixo desta abordagem é a educação do ser humano com um enfoque moral, portanto, uma “*proposta filosófica de caráter ético-platônico-educacional*”.

Mario Vieira de Mello levanta um importante conceito, denominado de *Estetismo*, o que o filósofo considerou um traço marcante da cultura nacional. O *estetismo* entrou na cultura brasileira por meio do Romantismo francês, tendo como efeito, a configuração da mentalidade brasileira com ideais estetizantes, que exaltam, sobretudo, a aparência e o que é meramente exterior e ornamental,

tornando assim, o povo brasileiro uma sociedade que interpreta a vida através de uma perspectiva puramente estética.

De acordo com Mario Vieira de Mello (1986), para termos uma sólida erudição brasileira deverão ser realizados estudos essenciais nas universidades, ou seja, a cultura brasileira necessita adotar uma postura alexandrina, no sentido de estudo e conservação da cultura grega clássica. O autor destaca que não se trata de imitação, alienação ou artificialismo, mas de uma busca por ideias, pois segundo ele:

Só a assimilação desse passado nos porá no caminho da procura de um *ethos* brasileiro alimentado e justificado pela lição insubstituível do humanismo ético, núcleo essencial da cultura democrática e da grande mensagem que representam para o homem ocidental os ensinamentos da visão clássica do mundo (MELLO, 1986, p.193).

O livro *Desenvolvimento e Cultura*, primeira obra de Mario Vieira de Mello publicada em 1963, apresenta uma característica literária significativa. Foi escrita sem qualquer citação direta, tal fato se dá primeiramente por não ser apenas uma pesquisa bibliográfica, mas o fruto de uma reflexão quanto ao estado das coisas; é mais que uma experiência de leituras, é uma percepção da cultura. Em segundo lugar, a obra faz uso da argumentação para persuadir o leitor, o objetivo é salientar a discussão de ideias ao invés de convencer por intermédio da autoridade (FONTES, 2012). Para Mario Vieira de Mello, no campo da Filosofia e das Ciências Humanas, existe uma propensão a prodigalidade de referências e citações, sendo esta uma característica que reforça e torna evidente a presença do *estetismo* no meio intelectual e cultural, portanto, um forte indicador desta tendência pretenciosa, ornamental e de falsa erudição.

Uma cultura forjada sob princípios meramente estéticos tende a apresentar demasiados problemas, desde a esfera sociocultural, educacional, estendendo-se a política. Mario Vieira de Mello destaca que a mentalidade brasileira está embebida em artificialismo, em superficialidades, em dissimulações e dramatizações de atitudes. Ao contrário de outras culturas que foram moldadas em um contexto de tensão entre concepções éticas e estéticas, por motivos históricos e de escolha voluntária da nação, a cultura brasileira foi forjada sob influência exclusiva da doutrina estética, causa pela qual apresenta hoje uma mordaz inclinação ornamental (FONTES, 2018).

Perante o que foi exposto anteriormente, podemos constatar que o Brasil carece de uma cultura ética moldada à luz dos valores do espírito, sendo assim, nos parece incontestável a necessidade de uma formação educacional que não tenha como objetivo principal a formação tecnicista ou ser um mero mecanismo de adaptação dos indivíduos ao meio social, mas também ter como propósito o desenvolvimento humanístico, que se disponha a abranger a construção do caráter, que reative e aperfeiçoe o senso de responsabilidade moral e a autonomia individual. Em vista disso, os problemas da formação intelectual, da educação e da cultura são fatores decisivos na concepção do filósofo brasileiro.

O pensamento de Vieira de Mello entra em contraste com a cultura contemporânea, visto que, de um lado é materialista e tecnicista e de outro temos uma educação sendo banalizada, muitas vezes sendo transformada em instrumento de militância política e ideológica, ou seja, temos uma educação que perdeu o seu verdadeiro propósito e que parece ignorar por completo a sua essência.

O filósofo brasileiro destaca a importância de reatar a relação entre cultura e educação, de restituir o arquétipo grego de *Paidéia*, da formação plena do indivíduo, próprio da cultura clássica e do humanismo ético de Sócrates e Platão. Nesta percepção pedagógica, a educação é guiada pela cultura, sendo esta entendida essencialmente como o aperfeiçoamento do intelecto e da interioridade humana. É por meio do empenho disciplinado de conquistar as virtudes morais e intelectuais que se faz possível criar um *ethos* nos indivíduos e um vínculo moral na sociedade.

Em suas considerações filosóficas quanto ao problema da educação e da cultura, Vieira de Mello observou que na modernidade há uma noção equivocada quando se trata de conceituar o termo *liberdade*, diante disso, ele caracteriza e distingue a *liberdade interior* da *liberdade exterior*. Em síntese, a *liberdade interior* é transcendental, pois inclui a formação do indivíduo e seu vínculo com a comunidade; já a *liberdade exterior* é imanente, visto que prioriza a dimensão material (FELIPE, 2013). O autor dedicou parte significativa de suas reflexões acerca de temáticas que se referem à liberdade moral do indivíduo.

Conforme será descrito neste trabalho, Mario Vieira de Mello relaciona a ideia de educação com a busca pela verdadeira liberdade, que só é possível quando o homem se integra plenamente ao mundo da cultura. De maneira sucinta, o estudioso

manifesta demasiada apreensão pelos problemas éticos, bem como enfatiza a importância da cultura e da educação para compor uma sociedade justa, equilibrada e madura.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma análise conceitual e pesquisa bibliográfica, onde buscamos refletir e abordar os conceitos de Educação, Cultura e Liberdade nas obras de Mario Vieira de Mello. A pesquisa bibliográfica foi baseada em textos, artigos científicos, livros, dissertações e teses. Para a busca de artigos, foram utilizadas como base de dados: Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, tendo como palavras-chave o nome do autor — Mario Vieira de Mello —, liberdade, educação e cultura, sem delimitação de período temporal.

A pesquisa bibliográfica consiste em um método de investigação que busca solucionar um problema ou hipótese através de publicações teóricas, explorando e dissertando sobre as variadas contribuições científicas. De acordo com Sousa et al. (2021, p.65), “a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica”.

Este modelo de pesquisa contribui para o entendimento do tema pesquisado, bem como para as perspectivas e o panorama no qual o assunto vem sendo apresentado na literatura. Severino (2013, p.106), descreve a pesquisa bibliográfica da seguinte forma:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

3. BIOGRAFIA DE MARIO VIEIRA DE MELLO

Mario Vieira de Mello foi um notável estudioso, filósofo, cientista político e diplomata brasileiro. Apesar de ser pouco conhecido no atual meio acadêmico, promoveu importantes contribuições à filosofia nacional.

Vieira de Mello nasceu em Newcastle na Inglaterra em 26 de maio de 1912, onde se encontrava seu pai no desempenho de missão oficial da Marinha (VITORINO, 2014). Filho do também diplomata Américo Vieira de Mello e Elvira Uchoa Cavalcanti Vieira de Mello.

Embora tenha nascido no exterior, Vieira de Mello construiu sua trajetória educacional no Brasil. Na década de 30 obteve seu diploma de Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, popularmente conhecida como Faculdade do Catete, localizada no Rio de Janeiro (FONTES, 2018).

Na universidade, Vieira de Mello integrou o CAJU (Centro Acadêmico Jurídico Universitário), grupo estudantil que reunia futuras personalidades da vida literária, acadêmica e política do país. Dentre as quais podemos mencionar o jornalista e escritor brasileiro Octávio de Faria, que tornou-se uma espécie de orientador intelectual de Vieira de Mello, apresentando-lhe ao círculo literário daquele período. Vieira de Mello dedicou a Octávio uma de suas obras, intitulada *Nietzsche: o Sócrates de Nossos Tempos*.

No Catete, Vieira de Mello fez amizade com o poeta e compositor brasileiro Vinicius de Moraes. O poeta citou o filósofo como amigo no poema *Ilha do Governador*, além de lhe homenagear com um soneto denominado *Mario*:

Mario

(Vinicius de Moraes)

[...] Não o tires dali que dá pancada

Todo o resto pra ele é sofrimento

Vai colhendo da flor do pensamento

Toda a filosofia desejada [...]

Embora dotado de uma personalidade introspectiva, em 1939 após ser

aprovado em concurso, Vieira de Mello seguiu o exemplo paterno e ingressou na carreira diplomática. Em 23 de março de 1939 foi nomeado como Diplomata da classe “J” por Getúlio Vargas. Entre 1942 e 1958, serviu em postos diplomáticos em países europeus (VITORINO, 2014). Após atuar durante três anos na Secretaria de Estado de Relações Exteriores, esteve em missão em diversos países como a Irlanda, Noruega, Suíça, França, Itália, Gana, Guatemala e Hungria, até o ano de 1977 quando se aposentou. Vieira de Mello atuou ainda no corpo diplomático brasileiro junto à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) entre os anos de 1962 a 1966 (FONTES, 2018).

Após a aposentadoria Vieira de Mello fixou-se em definitivo no Brasil. Com tempo livre para atividades reflexivas, ele passou a participar ativamente de debates universitários, principalmente na Universidade de Brasília (UNB) e no Instituto de Estudos Políticos Econômicos e Sociais (IEPES), situado no Rio de Janeiro (VITORINO, 2014).

Ao longo de 40 anos de atividade intelectual, Mario Vieira de Mello teve seis obras publicadas, as quais abordam temas como Política, Educação e Cultura Brasileira, são elas: *Desenvolvimento e Cultura* (1963); *O Conceito de uma Educação da Cultura* (1986), *Nietzsche: o Sócrates de nossos tempos* (1993), *O Cidadão* (1994), *O Humanista* (1996) e *O Homem Curioso* (2001). De acordo com o destacado cientista político Hélio Jaguaribe (2001), as obras de Vieira de Mello apresentam três características essenciais: 1) sua densidade, 2) sua originalidade no contexto brasileiro, e 3) sua forma de expressão.

Dotado de um senso crítico aguçado, o filósofo e cientista político Mario Vieira de Mello, deixou um importante e valioso legado ao campo dos estudos culturais, educacionais e das humanidades. Por meio de seu pensamento e de suas obras, Vieira de Mello realizou corajosas contribuições, tendo em vista um resgate da concepção clássica de Educação e Cultura. Faleceu em 30 de março de 2006 aos 93 anos.

4. LIBERDADE EXTERIOR E LIBERDADE INTERIOR

Ao longo da história a liberdade vem sendo objeto de reflexões filosóficas, diversos pensadores dissertaram sobre ela, dentre eles podemos mencionar: Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel e Sartre, sendo Aristóteles um dos primeiros filósofos a abordar a temática em suas considerações de cunho metafísico, ético e político. Na atualidade, a liberdade é pauta frequente entre ativistas sociais, de acordo com Silva (2019, p.143), esta “integra a ideia de ética e política que permeiam o homem e sua autonomia, sob diversos pontos de vistas e em diferentes lugares”.

O termo “liberdade” apresenta distintas definições, logo, não há um consenso conceitual entre os autores. A palavra liberdade vem do termo grego *eleuthería* que significa “homem livre”. A concepção de liberdade, em latim *libertas*, pode ser descrita como a condição daquele que é livre, a capacidade de agir por si mesmo, a autodeterminação, a independência ou a autonomia (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006). Ainda conforme Japiassú e Marcondes (2006), é possível apontar para três sentidos ou dimensões da concepção de liberdade: a dimensão política, a ontológica e a ética.

Na ótica aristotélica, o homem não é somente um “animal racional”, mas também um “animal político”, desse modo, o homem só encontra a liberdade na *polis*, na cidade-Estado, a liberdade é a prática da política (SILVA, 2019). Ademais, a política e a ética se correlacionam, visto que constituem duas dimensões de um mesmo fenômeno e ambas visam um mesmo fim. Em Aristóteles a liberdade manifesta-se por meio da atividade racional constante, que busca a virtude (o bem), tendo em vista dar um propósito à existência, conforme destaca Silva (2019, p.141):

Em Aristóteles, o conceito de liberdade e o seu *locus* se encontram na interdependência entre a ética e a política, saberes indissociáveis no pensamento antigo. É no exercício da razão, pelo hábito, buscando a ética teleológica, que o homem, um ser racional e político por natureza, encontra a maior virtude, o supremo bem, que a política pode proporcionar: a felicidade, residência fixa da liberdade.

Mello (2001, p.38), em uma de suas obras nos apresenta os seguintes questionamentos de extremo valor: “Somos verdadeiramente livres? De que maneira

se manifesta essa liberdade?” O autor então propõe uma distinção entre dois tipos de liberdade: a *liberdade exterior* e a *liberdade interior*.

A *liberdade exterior* entende-se como a liberdade no sentido social e político, pois a mesma está ligada ao nosso comportamento externo, a vida exterior. De acordo com Felipe (2013, p.624), a *liberdade exterior* “relaciona-se com a problemática do Poder e parte da noção de que os homens são iguais e livres a fim de terem o poder de fazer livremente e igualmente as mesmas coisas”. Como exemplo, temos as liberdades fundamentais do ser humano, como a liberdade de expressão, o direito de voto e a liberdade religiosa, assim como é descrito na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948): “Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego”. Estas nos são outorgadas pelo poder público, são promovidas pelo Estado.

A *liberdade interior* corresponde ao “autocontrole das paixões e instintos pela razão e só se configura quando o homem se integra completamente no mundo da Cultura através da educação” (FELIPE, 2013, p.624). A *liberdade interior* é conquistada arduamente, ela deve ser esculpida diariamente, ordenada, pois está relacionada à nossa alma, sendo esta uma liberdade de base espiritual. A conquista da liberdade exterior depende da liberdade interior, sem este ordenamento interno há uma privação à ordem externa. Podemos moldá-la através da vida espiritual, da cultura humanística, das virtudes morais, da vida intelectual e das reflexões filosóficas. Mello (1986, p.125), destaca o seguinte:

Sócrates, como educador procurava descobrir a verdade da alma humana para discipliná-la e organizá-la de modo a torná-la cada vez melhor. Como estadista procurava mostrar que as raízes de qualquer constituição da sociedade estavam plantadas no interior da alma individual do homem.

Em síntese, a *liberdade interior* é transcendental, pois inclui a ordenação da alma, a formação do indivíduo e seu vínculo com a comunidade; já a *liberdade exterior* é imanente, visto que prioriza a dimensão material (FELIPE, 2013). À medida que a primeira se relaciona com a ideia de *Paidéia*, a segunda exhibe uma concepção instrumental. Tendo como exemplos mais significativos no primeiro caso, os atenienses do período clássico, estes obtiveram uma liberdade “espiritual” e substancial, esta não necessitava de um sistema político para surgir; e, no segundo

caso, a Revolução Americana, que teve como herança o ideal de liberdade atrelado ao Poder, destituída de um “substrato cultural mais profundo” (FELIPE, 2013).

De acordo com Vitorino (2014), a *liberdade interior* não confere autoridade sobre as coisas ou outros homens, mas concede ao homem que a possui uma entrada autêntica no mundo da cultura. Desta forma, a face interna da liberdade está associada ao mundo da cultura, contudo, ocasionalmente, ela pode divergir de sua face externa, relacionada ao mundo do Poder.

Sócrates e Platão foram os primeiros autores a se ocupar da verdadeira liberdade, a liberdade interior e moral. Estes deram origem à perspectiva de liberdade espiritual, de tal modo que para Sócrates o homem somente seria livre se a razão dominasse seus instintos, e escravo se a razão se deixasse dominar pelas paixões. Tal como afirmou Sócrates, "o homem pode ser socialmente livre e interiormente escravo, como pode ser socialmente escravo e interiormente livre" (MELLO, 2001, p.9).

A superioridade da razão não se configura como um domínio sobre a vida, mas sim sobre os desejos e instintos que afligem a alma humana. É por meio dessa superioridade que a liberdade é conquistada (MELLO, 2001). Evidentemente o homem anseia pela liberdade, não somente o acúmulo de conhecimento, de tal forma que uma das lições da cultura clássica dos gregos nos diz que “o conhecimento é um meio, a liberdade, um fim”. Mello (2001, p.14), enfatiza:

Na concepção de Sócrates, a economia moral do ser humano se traduz pela hegemonia da razão sobre as paixões e os instintos, mas isso não como uma expressão de um serviço prestado ao conhecimento, mas como a expressão de um serviço prestado à liberdade.

De acordo com Mello (1986), o colapso da moralidade se reflete na distorção e inversão de significados, e isso pode ser primariamente notado na educação: pais infantilizados que temem os filhos, filhos que se comportam como adultos e desrespeitam os pais, professores temerosos diante de seus alunos, alunos menosprezando educadores, jovens imitando os mais velhos e estes buscando a fórmula da juventude eterna. Constatamos assim, uma incansável procura pelo falso ideal de liberdade, diante disso, o que observamos concretamente é “o homem abandonado aos seus desejos” (MELLO, 1986, p.129).

5. A CULTURA ESTETIZANTE

Definir o termo “cultura” é uma tarefa que apresenta certo grau de dificuldade, devido à amplitude e multiplicidade de significados que surgiram ao longo do tempo sobre este conceito. A cultura abrange interesses multidisciplinares, podendo ser estudada em campos como a história, a antropologia, a sociologia, a economia, dentre outros; em cada um desses campos, é trabalhada com diferentes panoramas e propósitos (CANEDO, 2009).

A expressão “cultura” data modernamente do século XV, estava vinculada aos cuidados com a lavoura e ao desenvolvimento de atividades agrícolas (COSTA, 2020, p.86). Conforme descreve Arendt (2016), a noção de “cultura”, tanto a palavra como o conceito, é de origem romana; o termo “cultura” origina-se de *colere*, relativo a cultivar, habitar, criar e preservar. A expressão latina associava-se, sobretudo, a conexão entre homem e natureza; vale destacar que para os romanos havia ainda uma relação entre a cultura (no sentido de cultivar a terra) e o *culto* religioso. De acordo com Arendt (2016, p.156), foi Cícero quem deu um sentido cívico para o termo cultura:

[...] a palavra indica uma atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem. Em decorrência, não se aplica apenas ao amanho do solo, mas pode designar outrossim o “culto” aos deuses, o cuidado com aquilo que lhes pertence. Creio ter sido Cícero quem primeiro usou a palavra para questões do espírito e da alma. Ele fala de *excolere animum*, cultivar o espírito, e de *cultura animi* no mesmo sentido em que falamos ainda hoje de um espírito cultivado, só que não mais estamos cômnicos do pleno conteúdo metafórico de tal emprego. No que concerne ao emprego romano, o ponto essencial era sempre a conexão da cultura com a natureza; cultura significava, originalmente, a agricultura.

É necessário frisar que a expressão *cultura animi* é citada como referência a uma educação e formação humana que tinha como base os preceitos da filosofia antiga que visavam alcançar uma alma imortal (FILÓN DE ALEJANDRÍA, 1976). Se analisarmos com atenção, perceberemos que Cícero já destacava a importância de uma cultura voltada para o cultivo da alma (SANTOS FILHO, 2021). Para a filósofa Hannah Arendt (2016), o sentido da expressão *cultura animi* se aproximava do que

os gregos entendiam como *paidéia*. Conforme descreve o helenista Werner Jaeger (1994, p.5), “a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os Gregos”.

Segundo Canedo (2009), ao final do século passado, a expressão “cultura” ganhou destaque com um sentido mais figurado, a palavra passou a denominar também o esforço empregado para o desenvolvimento das faculdades humanas. Baldus e Willems (1939), descrevem a cultura como um sistema de condutas, de costumes e valores, de instituições e organizações de uma sociedade. Por sua vez, o sociólogo Anthony Giddens (2005, p.38) assim caracteriza esta categoria:

Quando os sociólogos se referem à cultura estão preocupados com aqueles aspectos da sociedade humana que são antes aprendidos do que herdados. Esses elementos culturais são compartilhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. [...] A cultura de uma sociedade compreende tanto aspectos intangíveis — as crenças, as ideias e os valores que formam o conteúdo da cultura — como também aspectos tangíveis — os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo.

Hoje em dia costumamos empregar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da humanidade herdeira da Grécia, mas com uma significação banal, que abrange todos os povos, inclusive os primitivos. Deste modo, passamos a compreender por “cultura” todas as manifestação e formas de vida que configuram determinada sociedade. Aquilo ao qual hoje entendemos por “Cultura” não passa de um “produto deteriorado, derradeira metamorfose do conceito grego originário” (JAEGER, 1994, p.8), pois para os gregos a *paidéia* não era representada por elementos exteriores da vida, incompreensíveis, fluidos e anárquicos:

A palavra [cultura] converteu-se num simples conceito antropológico descritivo. Já não significa um alto conceito de valor, um ideal consciente. Com este vago sentimento analógico, nos é permitido falar de uma cultura chinesa, hindu, babilónica, hebraica ou egípcia, embora nenhum destes povos tenha uma palavra ou conceito que a designe de modo consciente (JAEGER, 1994, p.27).

Mario Vieira de Mello destaca que por meio do modernismo se estabeleceu no Brasil a tendência estetizante do romantismo no século XIX. Em 1922 com a Semana da Arte Moderna em São Paulo, o Brasil teve uma reformulação de suas

ideias no campo cultural, entretanto, a cultura nacional não se desviou da linha estetizante, sendo esta a fonte de inspiração da intelectualidade brasileira (MELLO, 1982). É longo e tortuoso o processo que conduziu a uma verdadeira desvinculação entre Cultura e Educação, uma das consequências desta dinâmica de dissociação é o primado do superficial, do estético entendido como mero adorno cultural sem importância existencial, deixando-nos assim, a mercê de uma cultura puramente tecnicista e utilitária. De acordo com Felipe (2013, p.622), “Mello resgata a ideia grega de *paidéia* para ressaltar a importância de uma formação cultural e intelectual do indivíduo, visando a despertar nele a virtude cívica”.

Na obra *Desenvolvimento e Cultura*, Mario Vieira de Mello traz à tona a importante discussão sobre a presença do *estetismo* na cultura brasileira. De acordo com o filósofo, o *estetismo* surge no Ocidente com a autonomia do princípio estético, ou seja, “a admiração do belo pelo belo e não por sua função moral, pedagógica, espiritual ou política, originada no período do Renascimento, teria adentrado à cultura brasileira por meio da influência do Romantismo francês” (FONTES, 2012, p.14). Como resultado, a identidade cultural brasileira teria sido moldada por uma mentalidade estetizante, priorizando a aparência e a beleza, tornando assim o brasileiro um sujeito com uma percepção limitada e que assumiu “um ponto de vista meramente estético” (MELLO, 2009). Conforme destaca Paim (2008, p.28):

Vieira de Mello defendia a tese de que a cultura brasileira desestimulava uma autêntica vivência moral. Parecia-lhe que a questão era considerada de modo superficial. Atribuía a circunstância à influência do romantismo. Embora considerasse que o diagnóstico traduzia uma situação real, o livro não se apoiava no registro do desdobramento dessa temática na meditação nacional, mas na aplicação (sem dúvida brilhante) da tese, de Kierkegaard, segundo a qual a modernidade caracterizava-se pelo confronto entre o princípio ético e o princípio estético.

Segundo Fontes (2012), a proposta de Mario Vieira de Mello vai em sentido oposto ao materialismo e ao utilitarismo, desloca-se em direção às questões relativas ao espírito humano, da cultura espiritual, sendo esta o paradigma principal. Conforme descreveu Mello (2009, p.103), em sua proposta “o problema da cultura é considerado como fundamental para os destinos da nação”, pois desenvolvimento e cultura representam “fatores ligados pela mais íntima e necessária interdependência”.

Vieira Mello tece considerações acerca do materialismo, do tecnicismo e do hedonismo que circundam a cultura brasileira. Pois, com a desvalorização cultural, isto é, com o estranho culto da (in)cultura e da mediocridade, os valores do espírito que estão diretamente ligados à formação da consciência e do intelecto, são deixados em segundo plano para dar espaço a uma visão utilitária; a preocupação recorrente passou a ser inserir o indivíduo no mercado de trabalho. Mesmo cientes da importância do ideal desenvolvimentista e da impossível recusa desta força, é inútil pensarmos que mais cedo ou mais tarde não teremos de considerar a dimensão de uma moralidade deturpada. Deixamos de nos ocupar com a formação do nosso espírito e esquecemo-nos de esculpir o que há de mais substancial ao nosso ser: a alma. Mello (1996, p.233) salienta:

Na dinâmica pedagógica não há apenas transmissão de conhecimento, mas modelagem da vida, formação de caráter, construção do homem dentro do homem, de acordo com parâmetros que vão se revelando à medida que é feita a modelagem. É um processo que não é somente científico — é também artístico, como o do escultor ou pintor que não sabe ao certo como ficará no fim a sua escultura ou quadro, dependendo das sugestões que vão sendo dadas pela própria obra no ato criativo. Também na dinâmica pedagógica o homem vai se construindo dentro do homem a partir de sugestões que fazem parte do processo educacional [...]

Mario Vieira de Mello (2009), destaca que para combatermos o estetismo de nossa sociedade o caminho deverá ser guiado por uma profunda meditação sobre os fundamentos éticos da cultura. Parte da sociedade brasileira apresenta forte inclinação à defesa de teorias impregnadas de moralismo irracional, como é o caso do marxismo; este é apresentado como uma ciência, porém adota uma concepção revolucionária, visto que, não procura interpretar o mundo, mas transformá-lo; desta forma, essas teorias podem vir a comprometer as probabilidades de adquirirmos uma educação realmente científica.

Num país como o nosso, onde a moralidade se encontra sufocada e desvirtuada pelos acréscimos, superposições e falseamentos do estetismo, defender a hipótese de uma ética marxista é comprometer de uma vez por todas nossas possibilidades de chegarmos um dia a compreender verdadeiramente o que seja o espírito ético (MELLO, 2009, p.299).

O pensamento de Vieira de Mello entra em contraste com a cultura contemporânea, visto que, de um lado é materialista e tecnicista e de outro afirma-se

uma educação transformada em instrumento de militância política e ideológica, ou seja, temos uma educação que perdeu o seu verdadeiro propósito. Observamos nitidamente um esvaziamento do sentido original de Cultura e Educação, o que é uma profunda deformação, pois já que nunca se pensou em ambas de outra maneira.

6. EDUCAÇÃO

Nas sociedades modernas, o sistema educacional é uma das mais importantes ferramentas de socialização humana. Por intermédio desse sistema se fez possível o desenvolvimento de habilidades cognitivas, a comunicação, a transmissão de tradições e costumes, a manifestação dos valores culturais e a configuração da personalidade individual. Contudo, a educação não se restringe apenas a propagação de conhecimento, esta abrange ainda o aperfeiçoamento das competências, bem como o aprimoramento do senso crítico e da autonomia. Dias (2010, p.274), descreve o seguinte:

Entre as mais importantes funções da educação estão: preparar as pessoas para desempenho de papéis ocupacionais; preservar a cultura, passando-a de uma geração a outra; estimular a adaptação e melhorar os relacionamentos sociais; permitir ao estudante expandir seus horizontes intelectuais e estéticos; [...] Como função fundamental, a educação contribui para a manutenção das sociedades transmitindo suas ideias, valores, normas e costumes de geração a geração, e, ao mesmo tempo, prepara os jovens para o desempenho de seus papéis sociais estabelecidos pela sua respectiva cultura.

Podemos iniciar nossa discussão buscando refletir em torno das seguintes questões: O que realmente é a Educação e qual seu verdadeiro fim? Ela tem por função principal adaptar o indivíduo à sociedade? Serve tão somente para inseri-lo no mercado de trabalho? Ou ainda, seria esta uma mera ferramenta para alimentar determinado sistema social e político?

Em 1932 o Brasil teve uma reestruturação no campo educacional, esse fato se deu através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Com a reforma o ensino brasileiro passou a ter um grande interesse pela pedagogia norte-americana e seus métodos de formação do indivíduo (MELLO, 1982). Entretanto, tal fato entra em contradição com o objetivo educacional dos renovadores: o propósito seria uma educação que não perdesse de vista as particularidades e necessidades da sociedade para qual foi projetada. Porém, tencionava-se uma educação que em nada vinculava-se com a realidade sociocultural do país, pois os princípios que estavam sendo importados advinham de sociedades com tradições culturais completamente diferentes das nossas. Mello (1986) destaca que os Estados Unidos,

apesar de ser uma grande sociedade educacional e referência de universidades com eficiência e funcionalidade, se encontram preocupados primariamente com o presente, o aqui e agora, fato este que torna evidente suas dificuldades para compreender a função do passado na formação cultural de uma nação.

Conforme salienta Mario Vieira de Mello (1986), os pioneiros sugerem que a causa principal do estado de desorganização do aparelho educacional brasileiro está na falta de planos e iniciativas para a determinação dos fins da educação. Vieira de Mello enfatiza ainda que, na verdade, os planos estavam bem claros: a Educação brasileira não tencionava antes, como não tenciona ainda hoje, criar um *ethos* social, mas “criar o grande profissional, a figura brilhante, o herói da inteligência, ideal estético que domina de maneira avassaladora o ambiente cultural do país” (MELLO, 1986, p.51). Segundo o filósofo, a ciência é incapaz de suscitar a vontade de criar um *ethos* social pelo simples fato dela ser uma atividade rigorosamente neutra, ou seja, a ciência é indiferente a este ou aquele fim. Desta forma, a educação sendo uma atividade articulada para a realização de determinados fins, não poderia ser posta sob a tutela da ciência; logo, ciências sociais ou humanas, como por exemplo a Sociologia, não estão aptas para servir de contexto a um projeto educacional.

Para os pioneiros do Manifesto da Educação “os fins da educação são variáveis e dependentes deste ou daquele tipo de organização social de uma determinada nação numa determinada época” (MELLO, 1986, p.68). Em contrapartida, Vieira de Mello (1986), defende que a educação não deveria estar subordinada a organizações sociais ou qualquer tipo de sistema político, pois os fins da educação não variam segundo a forma de organização dentro da qual está sendo aplicada. O filósofo enfatiza:

Fora dentro de um sistema democrático de organização social que a arte da educação fora descoberta; mas isto não significava que a educação devesse ser concebida como necessariamente vinculada a um sistema político-social e vinculada na forma de uma subordinação. Era a democracia que deveria se subordinar à educação e não a educação à democracia (MELLO, 1986, p.68).

Segundo Mello (1986), o primeiro passo que os pioneiros deveriam ter dado para empreender no país uma reforma pedagógica seria a análise rigorosa da situação moral e intelectual da cultura brasileira, desta maneira a reforma se abriria a

um campo mais vasto do que hoje nos é ofertado. Tendo em vista uma reestruturação da educação nacional é imprescindível que as universidades busquem diretamente as fontes vivas e permanentes da cultura, visto que, só dentro da universidade poderá ser “elaborada e delineada com nitidez suficiente no horizonte intelectual do homem contemporâneo a forma interior de liberdade” (MELLO, 1986, p.182).

Bortolini e Nunes (2000), destacam um aspecto importante. No Brasil a temática da *paidéia* antiga está sendo afastada das tradições das pesquisas em educação, os trabalhos científicos brasileiros têm favorecido ideologias dominantes, saturados de ideais políticos, sociais, culturais e econômicos. Na concepção de Vieira de Mello (1986), a universidade brasileira para ser fiel ao autêntico espírito universitário, deve ser pura e unicamente uma Universidade. Acerca disto assevera o filósofo inglês Michael Oakeshott:

Nos últimos anos, o conceito de universidade tem se misturado com noções como “ensino superior”, “formação avançada”, “cursos de atualização para adultos”; coisas admiráveis, mas que realmente pouco tem a ver com a universidade. E é hora de fazer algo para esclarecer essa confusão. Porque essas ideias pertencem ao mundo do poder e da utilidade, da exploração, do egoísmo social e individual e da atividade, cujo significado se encontra fora delas, num resultado ou realização trivial; e este não é o mundo ao qual pertencem as universidades; não é o mundo ao qual pertence a educação em seu verdadeiro sentido (OAKESHOTT, 2009, p.143).

Conforme explica Werner Jaeger (1994, p.16), “a superior força do espírito grego depende do seu profundo enraizamento na vida comunitária”; o princípio espiritual dos gregos não era o individualismo, mas o “humanismo”, que significava a educação do Homem de acordo com seu autêntico ser. Em outras palavras, a educação simbolizava a essência de todo esforço humano, a *paidéia* era o modelo de educação que tinha como propósito a formação integral do homem para a vida em sociedade. A educação grega não era apenas um somatório de metodologias e organizações privadas, voltadas para uma formação individualista e autossuficiente; tal fato só aconteceu no período helenístico, “quando o Estado grego já havia desaparecido — época da qual deriva em linha reta a pedagogia moderna” (JAEGER, 1994, p.16).

Vieira de Mello (1986) sinaliza para o paradoxo que temos vivenciado: o

quanto a sociedade atual progrediu em métodos e processos pedagógicos, entretanto não sabemos explicar os motivos pelos quais o nível espiritual vem baixando e ameaçando chegar a um estado de inequívoco declínio intelectual e moral. Assim sendo, o filósofo é categórico ao pontuar a importância do educador não se conformar com métodos e teorias que falam de maneira irrefletida acerca do estado da Cultura que lhes serve de contexto, ou ainda se deixar distrair das preocupações fundamentais. Mello (1986, p.24) completa ainda: “o homem contemporâneo parece pois acreditar que a crise espiritual é efeito e não a causa das outras crises [econômica, política e social] que conhece”.

Vieira de Mello — como grande defensor que foi da Educação e da Cultura clássica e humanística — enfatizava que uma nação só seria plenamente civilizada à medida que frequentasse o mundo clássico. Só a assimilação desse passado nos colocaria no caminho da procura de um *ethos* brasileiro nutrido e justificado pela lição do humanismo ético. Mello (1986) ressalta que nossos conhecimentos e estudos sobre o mundo greco-romano são de extrema superficialidade. Por sua vez, Werner Jaeger (1994, p.20), destaca que “não se trata de apresentar artisticamente o assunto, sob uma luz idealizante, mas de compreender o fenômeno imperecível da educação antiga e o impulso que a orientou, a partir da sua própria essência espiritual e do movimento histórico a que deu lugar”.

A ideia platônica de “construção do homem dentro do homem” pode soar com certa estranheza aos ouvidos do homem contemporâneo. Na concepção de Platão o Estado não deve educar o homem para instrumentalizá-lo de acordo com seus fins, mas se subordinar aos fins da Educação para promover o aperfeiçoamento da alma do indivíduo; deve tornar o homem melhor. Conforme a visão platônica, há uma transferência do Estado para o interior do indivíduo, tal como descreve Mello (1986, p.126):

Não se pode por conseguinte dizer nem que o Platão-socrático procurava reformar o Estado a partir do indivíduo nem que procurava reformar o indivíduo a partir do Estado. O ponto de aplicação de seu esforço é o Estado no indivíduo, no interior da alma individual, concepção que nós modernos temos imensa dificuldade em assimilar porque para nós o Estado é sempre uma entidade objetiva e totalmente dissociada da realidade da nossa alma individual. [...] Tal é o sentido último da concepção platônica do Estado dentro do homem.

A proposta pedagógica de Vieira de Mello não visa inovações, mas uma apropriação daquilo que nossos antepassados fizeram, daquilo que a tradição do ocidente fez ao longo de toda a história. Não se trata de métodos revolucionários, mas de resgatar o que há de mais rico e precioso na nossa tradição fundadora, sendo esta de origem greco-romana e cristã. Dentro das instituições de ensino, mais precisamente nas universidades, trazer à tona este debate é de grande relevância para a formação intelectual. Entretanto, a discussão vem sendo evitada e o produto disto é o desconhecimento das próprias origens, das bases precursoras de nossa cultura e que tanto nos tem a ofertar.

O esforço a que estamos aludindo é evidentemente o esforço educacional. Mas não o esforço representado por uma atividade educacional qualquer, mas o que é representado por aquela atividade educacional que coloca no centro de suas preocupações o desenvolvimento de um humanismo ético (MELLO, 1986, p.188).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo Mário Vieira de Mello deixou obras riquíssimas para o campo das pesquisas educacionais, culturais e das humanidades, no entanto, hoje pouco se conhece acerca de seus trabalhos. No âmbito acadêmico observamos uma escassez de materiais que tenham feito um exame detalhado das ideias do referido autor. O estudioso dedicou-se durante grande parte de sua vida a investigar a cultura clássica e as bases fundadoras do que hoje chamamos de “Educação” e de “Cultura”. Para Vieira de Mello, a educação brasileira necessita se aprofundar na história e princípios humanísticos cultivados pelos gregos, pois, segundo ele, nossos conhecimentos do mundo clássico são extremamente superficiais; somente deitando raízes nesse mundo poderemos vislumbrar uma sociedade desenvolvida em sua totalidade.

Conforme buscamos destacar ao longo deste trabalho, nos parece evidente o esvaziamento do sentido original de Cultura e de Educação. Desconhecemos a verdadeira essência de tais termos. “Cultura” passou a ser sinônimo de algo ornamental, estético, foi reduzida a um trivial conceito que representa elementos externos à vida humana. A “Educação” ao longo de sua “evolução” adotou fins diversos, desenvolveu uma gama de ferramentas e de métodos pedagógicos, porém, raros são aqueles capazes de promover um espírito humanístico e ético na sociedade contemporânea.

A coesão e o fortalecimento de uma sociedade depende da educação, tanto sua ordem externa quanto interna e seu desenvolvimento espiritual. O amadurecimento social resulta da compreensão dos valores que conduzem a vida humana, naturalmente a educação está condicionada a transformação de tais valores dentro da sociedade. A solidez das normas depende da estabilidade dos princípios da educação. Da corrupção e ruína das normas provém a fragilidade, a insegurança e a impossibilidade de determinadas práticas ou condutas educacionais, “acontece isto quando a tradição é violentamente destruída ou sofre decadência interna” (JAEGER, 1994, p.4). Sobre isto afirma de maneira aguda Mario Vieira de Mello:

A cultura clássica dos gregos se distingue de todas as outras culturas por três traços fundamentais: seu idealismo, sua filosofia e sua *paidéia*, ou em

outras palavras, seu espírito educacional. A educação na Grécia clássica ou pelo menos no espírito de seus representantes máximos, Sócrates e Platão, não tem o mesmo sentido que tem em outros sistemas culturais. Não se trata apenas de um exercício e de um método de desenvolver talentos e faculdades, mas de todo um processo de transformação em virtude do qual uma mera possibilidade passa a ser uma realidade, um ser, uma criatura que, originando-se de uma mera possibilidade de humanidade, se apresenta agora como homem. Este é o verdadeiro sentido de humanismo, a razão pela qual podemos dizer que na Grécia clássica a educação tem uma posição central na vida humana (MELLO, 1996, p.19).

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, ed.8, 2016.
- BALDUS, Herbert; WILLEMS, Emilio. **Dicionário de etnologia e sociologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v.17, 1939.
- BORTOLINI, Rosane Wanderscheer; NUNES, César. **A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego**. Filos. e Educ., Campinas - SP, v.10, n.1, p.21-36, 2018.
- CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBa, Bahia, 2009.
- COSTA, Ricardo Cesar Rocha Da. **O ensino de sociologia e a cultura**. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário do ensino de sociologia**. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, pg.86-90, 2020.
- DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, ed.2, 2010.
- FELIPE, Kaio. **A Liberdade no Pensamento Cultural e Político de Mario Vieira de Mello**. MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia, n.2, p.621-631, 2013.
- FILÓN DE ALEJANDRÍA. **Obras completas de Filón de Alejandría**. Tradução: José María Triviño. Buenos Aires: Acervo Cultural, p.221, 1976.
- FONTES, Filipe Costa. **Cultura brasileira e educação: indícios de estetismo na história do planejamento educacional brasileiro**. Dissertação (Doutorado) – Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
- FONTES, Filipe Costa. **Mario Vieira de Mello e a questão nacional: reflexões sobre o estetismo na cultura brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, ed.4, 2005.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, ed.3, 1994.
- JAGUARIBE, Hélio. Prefácio, In: MELLO, M. V. **O homem curioso: O problema da**

- exterioridade na Filosofia de Aristóteles.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.7, 2001.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MARGUTTI, Paulo. **Desenvolvimento, cultura, ética: as ideias filosóficas de Mario Vieira de Mello.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MELLO, Mario Vieira de. **Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, ed.3, 2009.
- MELLO, Mario Vieira de. **Educação e Cultura.** Digesto Econômico, São Paulo, n.288, p.3-23, 1982.
- MELLO, Mario Vieira de. **O conceito de uma educação da cultura — com referência ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MELLO, Mario Vieira de. **O homem curioso: O problema da exterioridade na Filosofia de Aristóteles.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- MELLO, Mario Vieira de. **O humanista: a ordem na alma do indivíduo e na sociedade.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- OAKESHOTT, Michael. **La voz del aprendizaje liberal.** Tradução: Ana Bello. Buenos Aires: Liberty Fund e Katz, 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>
- PAIM, Antônio. **Avanços na determinação do conteúdo do debate ético no Brasil.** Estudos Filosóficos, São João del-Rei - MG, n.1, p.28-43, 2008.
- SANTOS FILHO, José dos. **Arendt e Cícero: as “origens” do *sensus communis* como sentido político.** Cadernos Arendt, v.2, n.4, 2021.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2013.
- SILVA, Márcio Luiz. **O conceito de liberdade em Aristóteles, Hegel e Sartre: implicações sobre ética, política e ontologia.** AUFKLÄRUNG Revista de Filosofia, v.6, n.2, p.141-160, 2019.
- SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83, 2021.
- VITORINO, Artur José Renda. **Recensões sobre educação e democracia ética na**

obra de Mario Vieira de Mello. Belo Horizonte: Educação em Revista, v.30, n.4, p.229-250, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** In: __. Cultura. São Paulo: Boitempo, 2007, p.117-124.